



# Corpos em movimentos celestes

Por Renata Tupinambá

Em séculos de experiências dos que foram chamados de não civilizados pela civilização europeia – que trouxe com seu modelo a negação do protagonismo do corpo –, existiam e ainda existem outras leituras corporais, movimentos próprios e plurais que não entram em uma padronização cognitiva neocolonialista de corpos civilizados. São os corpos desobedientes.

Corpos livres foram encarcerados sob o véu do imperialismo, sendo violados no decorrer histórico da expansão do controle dos territórios. Controlar território é também impor vestimentas adequadas, gestos, expressões corporais, danças e palavras aos que não fazem parte de uma cultura erudita nos palcos.

José Ricardo é natural do Rio Grande do Norte, ator, diretor de teatro, professor e pesquisador em artes cênicas. Seu trabalho fortalece sua identidade Tapuia-Tarariú. No episódio 8 do podcast “Paraskeué”, com muito esclarecimento ele fala sobre a arte de atuar, movimentos de dança, biopolítica e a forte europeização no sistema teatral de ensino até os dias atuais.



Questiona e critica a imposição de uma forma padrão de atuação que não faz parte da experiência de milhares de pessoas.

As danças e cerimônias que envolvem horas em terreiros e comunidades fazem parte de uma tradição corporal envolvendo as manifestações no corpo físico de movimentos muitas vezes celestes. São movimentos não humanos apenas, fazem parte da expressão de outros seres, animais ou elementos da natureza. Objetos ganham significados profundos e são utilizados também para induzir a velocidade dos movimentos.

Podemos observar o corpo como morada da memória, que vibra identidade contada através dele e se torna um mover coletivo, como planetas giram em torno do Sol e cadeias de átomos que se movem. Quando pensamos na potência de movimentos não nomeados, mas gerados de forma orgânica por uma ordem que pode ser natural, sabemos da potência criativa e realizadora que está presente.

Não faz parte de uma racionalidade, mas de um processo de libertação do próprio inconsciente do corpo. Então seremos capazes de perceber que o corpo fala, canta e gesticula em uma linguagem própria, ligada ao seu universo cultural ou camadas mais profundas da percepção do que é capaz de captar no ambiente, como um agente mediador de mundos.

Nas *ativaÇÕES perforMÁGICAS (in)díg(e)nas contra a farsa da representação colonial*, encontramos um interessante trabalho pedagógico de oficinas realizado pela artista Juma Pariri, doutora em teatro pela



Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), que faz parte dos movimentos Retomada Kariri e Associação Multiétnica Wyka Kwara. Ela propõe um verdadeiro mergulho e fricção entre artes do corpo em uma pedagogia indisciplinar, fora das caixas e voltada a uma desobjetificação dos corpos.

A experiência do corpo é o ponto de partida para compreender que muitas culturas fizeram do corpo o lugar do aprendizado, da vivência e do conhecimento obtido por meio do que é vivido. Danças tradicionais, religiosas, as infinitas manifestações de um oceano de sensações, emoções e histórias contadas ou mostradas por meio do corpo.

Em 2014, tive a oportunidade de conhecer no encontro “Comunidades, territórios e cartografias afetivas”, o sociólogo e ator boliviano Iván Nogales, que deixou de contribuição uma obra chamada *Descolonización del Cuerpo*. Iván foi um importante educador e pensador do teatro comunitário, e seu trabalho na Bolívia representou um marco da nova proposta de atuação como ferramenta de transformação social, com a denúncia sobre corpos violados por subordinações e opressões diversas.

O Teatro Trono, na Bolívia, desde 1989, traz produções teatrais com temáticas políticas, sociais e educativas. A metodologia criada de promoção a libertação dos corpos para transformação social aborda sobre os “Corpos do medo”, não abraçam, não agem, apresentam rigidez por herdarem atitudes de domínio, competitividade, violência, individualidade, tudo historicamente construído e naturalizado.



Quando pensamos em um teatro indígena, sabemos que ele começa na contação de histórias e é ligado à própria educação indígena por meio da oralidade, ritos, danças e outras manifestações da arte.

A estrutura arquitetônica do teatro europeu traz consigo um outro lugar de poder e uma outra construção dos atores, que herdou muito dos romanos e gregos. É um engano pensar que está ligado apenas ao entretenimento: o teatro é um transmissor de ideias, críticas, pensamentos, culturas, religiões, sociedades, utilizado para muitos tipos de finalidades políticas.

O que vemos no palco pode afetar completamente nossas emoções, ensinar e até mudar nossas opiniões sobre muitos temas, ser convertido numa ferramenta de guerra, propagação de pensamentos racistas e difusão de ideias que podem ser promovidas para libertação ou para criação de mais gaiolas estruturais civilizatórias.

Quando pensamos em metodologias de ensino das artes cênicas, se faz urgente a necessidade de valorizar diferentes culturas, nacionalidades e modelos de atuação plurais que trazem libertação de corpos, não aprisionamentos – respeitando a experiência e o conhecimento de cada corpo, porque corpos também são livros, e para ler é preciso abrir suas páginas, não trancá-las.

